

## Perfis românticos e formação intelectual: a correspondência entre Schiller (1759-1805) e Goethe (1749-1832)

Romantic profiles and intellectual formation: the correspondence between Schiller (1759-1805) and Goethe (1749-1832)

**Pedro Felipe Felix Peixoto**

Graduado em História  
Universidade de Pernambuco (UFE)  
pedroffpeixoto@hotmail.com

**Jochin de Melo Azevedo Sobrinho**

Professor Adjunto de História  
Universidade de Pernambuco (UFE)  
jochin.azevedo@upe.br

**Recebido:** 26/08//2023

**Aprovado:** 06/11/2023

**Resumo:** O objetivo geral deste estudo é analisar o debate acerca da função da literatura e dos intelectuais entre os autores Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) e Friedrich Schiller (1759-1805), tidos como principais representantes da tendência estética conhecida como romantismo alemão. Sendo assim, é possível relacionar história, literatura e modernidade na medida em que esses escritores, por meio de artigos de opinião, correspondências e romances, fizeram da escrita uma ferramenta para criticar a disseminação do racionalismo iluminista na Alemanha durante a transição do século XVIII para o século XIX. Portanto, ao analisar os debates de Schiller e Goethe, presentes nas correspondências trocadas entre os dois autores, de 1794 até 1803, abordaremos questões como redes de sociabilidades intelectuais, tensões culturais entre as tendências universalistas do iluminismo e a leitura que o romantismo alemão realizou da Razão.

**Palavras-chave:** Romantismo; Schiller; Goethe.

**Resumen/Abstract:** The general aim of this study is to analyze the debate about the role of literature and intellectuals between the authors Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) and Friedrich Schiller (1759-1805), considered to be the main representatives of the aesthetic trend known as German romanticism. As such, it is possible to relate history, literature and modernity to the extent that these writers, through opinion articles, correspondence and novels, used writing as a

tool to criticize the spread of Illuminism rationalism in Germany during the transition from the 18th to the 19th century. Therefore, by analyzing the debates between Schiller and Goethe, present in the correspondence exchanged between the two authors between 1794 and 1803, we will address issues such as networks of intellectual sociability and cultural tensions between the universalist tendencies of the Illuminism and the reading that German romanticism carried out of Reason

**Palabras clave/Keywords:** Romanticism; Schiller; Goethe

### **Introdução**

Entende-se que a história literária é caracterizada por continuidades e rupturas estéticas, representações simbólicas, sociabilidades e circularidades culturais. O Romantismo é um movimento artístico cosmopolita e labiríntico que foi gestado em diferentes países europeus, como Inglaterra, França e Alemanha, nos séculos XVIII e XIX. No caso deste estudo, partimos do pressuposto do romantismo enquanto manifestação intelectual ligada a acontecimentos históricos radicais e universalistas tal qual o Iluminismo e, posteriormente, a Revolução Francesa e processos culturais bem situados localmente como a construção nacional do ideal de espírito alemão. Nesses termos, propomos aqui uma análise da correspondência entre Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) e Friedrich Schiller (1759-1805) com enfoque nos debates românticos engendrados por esses escritores sobre a função da literatura.

Acerca do uso da correspondência como fonte, é essencial destacar que, muitas vezes, se trata de uma forma de comunicação íntima e sem natureza editorial. A carta é um documento associado ao direito da inviolabilidade da privacidade do indivíduo, porque pode dizer respeito a assuntos íntimos como dúvidas e incertezas religiosas, gravidez, problemas da vida conjugal ou financeiros, morte, sexualidade, retomada de afeições, etc. Quando se trata do epistolário trocado entre membros da intelligentsia de determinado país, esses manuscritos seguem o formato próprio desse gênero de escrita com lugar de origem, data, destinatário e parágrafos bem distribuídos. Porém, o cerimonial da comunicação entre dois sujeitos com interesses pósteros bem delineados acaba sempre transitando entre o público e o privado porque envolve posicionamentos sociais, comerciais, científicos e intelectuais (KOHLRAUSH, 2015).

Logo, estudiosos de epistolários tornam-se voyeurs da vida privada dos correspondentes e decodificam seu cotidiano, bem como suas relações de poder, interesses, expectativas e frustrações. Analisar a troca de cartas entre Goethe e Schiller, nesse sentido, não significa refletir sobre a polidez

trocada entre dois cânones, mas sim em torno da considerável colaboração literária desses autores em meio a um contexto que marca a imprecisa germinação do romantismo alemão.

A primeira tradução para o português e organização do epistolário entre Goethe e Schiller foi feita a partir de uma seleção elaborada pela editora Nova Alexandria em 1993. Apesar de contar com 136 cartas trocadas entre os escritores no período de 1794 até 1803, a edição deixou de lado as missivas e bilhetes que possuem teor mais pragmático para privilegiar aquelas nas quais foram travados debates de cunho mais filosófico. Utilizaremos essa obra como fonte primária porque, essencialmente, a documentação traduzida e editada contempla temas da vida literária alemã, debates sobre atividade intelectual e sociedade, bem como as convergências e/ou divergências estéticas entre esses literatos.

O filósofo Isaiah Berlin, em *As raízes do romantismo*, salienta a grande dificuldade que é fornecer um conceito generalizante para esse fenômeno artístico, pois há elementos comuns no romantismo tais quais a “disponibilidade para sacrificar a vida para alguma chama interior, dedicação a algum ideal pelo qual valia a pena sacrificar tudo aquilo que a pessoa é” e a crença de que “o fracasso era mais nobre que o sucesso, o qual tinha algo de inferior e vulgar” (BERLIN, 2015, p. 33), presentes nas obras de literatos de diferentes nacionalidades e matizes políticos como, por exemplo, Rousseau, Lord Byron, Carlyle e Schlegel.

Nestes termos, o romantismo pode ser considerado:

O estranho, o exótico, o grotesco, o misterioso, o sobrenatural, as ruínas, o luar, castelos encantados, trombetas de caça, elfos, gigantes, grifos, cascatas, o velho moinho no Floss, as trevas e os poderes das trevas, fantasmas, vampiros, o terror sem nome, o irracional, o indizível. Também é o familiar, o sentido da tradição particular de cada um, o júbilo com o aspecto sorridente da natureza de todo dia e as cenas e sons habituais da gente simples e contente do campo, a sabedoria sã e feliz dos filhos da terra, com suas faces rosadas. É o antigo, o histórico, são as catedrais góticas, as névoas da Antiguidade, as raízes antigas e a velha ordem com suas qualidades não analisáveis, suas lealdades profundas mas inexprimíveis, o impalpável, o imponderável. Também é a busca da novidade, a mudança revolucionária, a preocupação com o presente fugaz, o desejo de viver no momento (...). (*Ibidem*, p. 43)

Para o autor, portanto, o rótulo do romantismo é bastante impreciso em relação ao teor de determinadas literaturas, esculturas, músicas, pinturas, obras arquitetônicas e sistemas filosóficos de interpretação do mundo. Porém, salienta que esse conceito é importante enquanto tipo de coordenada para uma melhor compreensão de determinadas respostas artísticas aos preceitos

iluministas que velam pela simetria das formas, racionalidade, proporcionalidade e a lógica rigorosa. Vale ainda destacar que intelectuais românticos não eram contra valores como a liberdade, igualdade, fraternidade, justiça, felicidade e harmonia social. Simplesmente, discordaram das fórmulas sugeridas pelos filósofos racionalistas para se alcançar essas metas. O romantismo, de acordo com essa abordagem, não se trata de uma tendência conservadora em face do pensamento progressista do século XVIII. Trata-se, bem mais, de uma reação idealista contra o utilitarismo e o tecnicismo que acompanharam a formação da Europa industrial.

Rüdiger Safransky, em *Romantik: Eine deutsche Affäre* [Romantismo: uma questão alemã], sugere que, em se tratando da Alemanha, a ascensão do romantismo está datada de fins do século XVIII e início do século XIX (SAFRANSKY, 2007). O autor elenca também a Revolução Francesa, além das teorias da História de Herder e do jogo, de Schiller, como principais marcos culturais que possibilitaram a consolidação dessa corrente intelectual em território germânico. Porém, longe de elaborar um rol com uma súpula de propostas dos principais pensadores que aderiram ao movimento, o autor realiza análises das implicações históricas de preceitos românticos como a defesa da autonomia da arte, a crença no milagroso, a busca pelo êxtase e a valorização do indivíduo criativo.

Nesse sentido, Safransky propõe um estudo do processo de transformação do teor universalista do romantismo em um debate patriótico efetuado pela intelligentsia alemã a partir de fontes como tratados teóricos, romances e poemas (*Ibidem*). Fica bastante claro que, para esse filósofo, houve uma mentalidade romântica gestada durante o período que estudou. Porém, evitando aportes tradicionais e primando por um estilo ensaísta, o autor não aprofunda a reflexão sobre a Gesamtkunstwerk, ou seja: a busca por uma síntese artística de todo o espírito alemão, passando muito rapidamente pelo debate sobre a confluência entre pintura, filosofia e música, no século XIX, para se ater aos impactos desse ideário no mundo contemporâneo. A principal contribuição teórica de Safransky, portanto, foi conduzir um necessário e atual alerta sobre os usos políticos catastróficos do romantismo durante a ascensão do chamado Terceiro Reich (*Ibidem*).

O filósofo Walter Benjamin identifica no romantismo alemão elementos culturais inseridos em uma tradição representativa muito anterior à modernidade. O gosto pela transformação de sofrimentos ou castigos em alegorias e o incentivo para a fuga rumo a mundos de sonhos, ideias ou

tão somente a negação dos valores que margeiam uma realidade social dura e pragmática – conforme o autor – acompanham a humanidade desde a fundação da linguagem (BENJAMIN, 2011). Por outro lado, o historiador e crítico literário Otto Maria Carpeaux, em leitura bem mais sociológica que a anterior, considera os escritores Goethe e Schiller protagonistas de uma nova fase da literatura alemã enquanto entrelaçaram temáticas modernas – como a busca implacável pela liberdade individual – com figurações retiradas da cultura do medievo tais quais o apelo para a espiritualidade religiosa ou defesa de ideais cavaleirescos. É esse diálogo entre valores de distintas épocas, além da preferência pela poética em detrimento da racionalidade, o que melhor caracteriza a prosa dos literatos em foco (CARPEAUX, 2013).

### **As cartas de Goethe e Schiller**

Feitos esses esclarecimentos de ordem conceitual, pode-se afirmar que os escritores Schiller e Goethe foram intelectuais teutos cujas ideias são consideradas fundamentais para os alicerces literários do romantismo. Constam enquanto eixos temáticos que interligam as reflexões desses dois autores a adesão pela revolta do sentimento contra os ditames da razão e do sentimentalismo contra o racionalismo. A transição do século XVIII para o XIX foi marcada por essa predominância do sentimentalismo, ora melancólico, agressivo e engajado que protesta, em nome da religião, contra o materialismo e ceticismo dos livres-pensadores europeus. Esses autores estavam no cerne de uma concreta disputa de espaço por reconhecimento social e pela ampliação de suas redes de influência artística e política.

Trocar cartas era uma prática comum aos círculos intelectuais da época. Além de tratar do conteúdo de produções propriamente literárias, essas missivas serviram de suporte para as imensas colaborações teóricas-práticas entre os sujeitos letrados e revelam toda uma movimentação social e mental por parte desses atores. Em uma primeira carta escrita por Schiller a Goethe, datada de 31 de agosto de 1794, o escritor expressa admiração por seu companheiro epistolar: “(...) agora tenho esperança de que possamos trilhar juntos o caminho que ainda possa restar, e com proveito ainda maior, já que os últimos companheiros de uma longa viagem têm mais a dizer um ao outro” (SCHILLER. In: SCHILLER & GOETHE, 1993, p. 28). Durante o decorrer das conversações, muitas vezes, a troca de agradecimentos é comum e deixa perceptível o apreço mútuo entre os dois.

O registro dessa estima costuma ser alvo de análises equivocadas nas quais historiadores e críticos literários outorgam uma união quase inseparável entre Goethe e Schiller. De acordo com essa perspectiva, o segundo, neófito, seria o discípulo do já venerado autor de Fausto. No entanto, percebe-se, nas cartas, elementos que contribuem para se evitar uma errônea hierarquização entre os dois.

Na mesma epístola, Schiller afirma ainda:

Não espero de mim nenhuma grande riqueza material de ideias; isto é o que acharei no senhor. (...) círculo de pensamento (...) O senhor esforça-se por simplificar seu grande mundo de ideias; eu procuro diversidade para minhas pequenas posses. O senhor tem um império a governar, eu somente uma família um tanto numerosa de conceitos, os quais gostaria de expandir para um pequeno mundo. (SCHILLER. In: SCHILLER & GOETHE, 1993, p.28)

É crucial ter conhecimento de algumas questões para compreensão do que foi expressado por Schiller. Primeiramente, Schiller é dez anos mais novo que Goethe que, por sua vez, dado sua origem burguesa de Frankfurt e seu emprego burocrático em Weimar, desfrutava do reconhecimento e prestígio de pertencer a uma influente rede de sociabilidade intelectual. Goethe possuía um maior número de pares literários e filosóficos. Tornou-se, inclusive, aprendiz do respeitável Johann G. von Herder: aclamado pensador alemão tido como principal influenciador do Sturm und Drang e o historicismo alemão. A modéstia de Schiller, nestes termos, não implica necessariamente em submissão intelectual.

Porém, nas epístolas, percebe-se que Goethe não se encontrava precisamente como mentor de Schiller. Longe disso, como expressado por ele em um esboço de carta feito entre 08 e 19 de outubro do mesmo ano: “Sua carta fortaleceu ainda mais a minha convicção, oriunda de nossa conversa, de que temos o mesmo interesse em importantes assuntos”, porém falando de “lados bem díspares”. No entanto, Goethe considera que esses diálogos poderiam gerar uma “satisfação mútua” (GOETHE. In: SCHILLER & GOETHE, 1993, p. 31) para os autores.

Contudo, muito ainda se discute acerca das intenções da aproximação entre os dois pensadores alemães. Essa relação, hipoteticamente amigável, abarcou também elementos contraditórios como ressentimentos que afloravam mesmo em períodos de proximidades fecundas. Durante o percurso da correspondência, houve um gradual afastamento quisto por Goethe. Em

alguns momentos, houve uma disparidade entre os interesses dos autores. Goethe chegou a evitar ou retrucar com breves bilhetes alguns dos questionamentos e debates sobre assuntos estéticos e filosóficos fomentados por Schiller. Essa conjuntura abre margem para uma longa discussão acadêmica. Alguns estudiosos, como o caso de Safransky, defendem que Goethe tornou-se ressentido pela crescente fama de seu parceiro, temendo que tal fama ofuscasse sua notoriedade no círculo intelectual alemão (SAFRANSKY, 2007). Outros apontam para o contraste econômico e social entre dois autores, considerando o desinteresse de Goethe para as colaborações teóricas de um indivíduo que ainda buscava por reconhecimento profissional.

Em carta datada de 15 de junho de 1795, Schiller registra seu entusiasmo a partir da leitura inicial do romance goethiano *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, publicado em duas partes entre 1795 e 1796. Trata-se de uma obra que repercutiu amplamente no mercado editorial alemão da época e é considerada uma pedra angular do gênero *Bildungsroman*: ou romance de formação. Na ocasião, o autor escreveu o seguinte para Goethe:

Li este quinto livro de Meister com um total êxtase e uma sensação única e indivisa. No próprio Meister não há nada que me houvesse tomando assim, ininterruptamente, e me levado involuntariamente em seu turbilhão. (...)

A única objeção que teria a lembrar nesse quinto livro é o fato de que as vezes tenho a impressão de que o senhor teria dado mais espaço àquela parte referente exclusivamente ao teatro do que suporta a ideia livre e ampla do todo. Às vezes parece que escreve para o ator, quando na verdade o senhor só quer escrever sobre o ator. O cuidado que dedica a certos pequenos detalhes nesse gênero, e a atenção a pequenas e isoladas vantagens artísticas que de fato são importantes para o ator e diretor, mas não para o público, dão a falsa impressão de um objetivo especial para a explanação (...). (SCHILLER, In: SCHILLER & GOETHE, 1993, p. 41-42)

Wilhelm Meister é o protagonista de um romance que trata da trajetória de um jovem oriundo de uma próspera família burguesa que deixa para trás as projeções de status de seus pais para dedicar-se ao mundo do teatro. Ao abandonar o lar para se juntar a uma trupe de comediantes, o personagem vivencia uma série de experiências com inúmeros indivíduos de várias esferas sociais como atores, diretores, poetas, camponeses, vigaristas, burgueses, nobres e rebeldes políticos de diversos perfis. É a partir dos diálogos entre Meister e seus interlocutores que Goethe reflete a respeito das tensões entre anseios individuais por liberdade e convenções sociais, bem como explora os impasses entre ambições e paixões poéticas. Nesse sentido, o romance abarca discussões sobre destino individual e o meio artístico, filosófico e histórico da Alemanha do século XVIII.

Na citada obra, portanto, concepções filosóficas românticas como o perpétuo aperfeiçoamento do Homem, a integração com a natureza e a aspiração ao belo são amplamente discutidas. De maneira breve, em carta datada de 18 de junho de 1795, Goethe respondeu os apontamentos críticos feitos por Schiller alegando gratidão pela leitura atenta e finalizou a missiva da seguinte maneira:

Com ainda mais satisfação, utilizei-me de seus conselhos a respeito do falatório prático-teórico, deixando agir a tesoura em algumas passagens. Nunca é possível livrar-se de restos do tratamento anterior, embora eu tenha reduzido quase um terço do primeiro original. (GOETHE, In: SCHILLER & GOETHE, 1993, p. 42-43)

A questão é que o gosto por explanações teóricas e práticas, em meio a tramas ficcionais, não era apenas cultivado por Goethe. Esse micromundo habitado pela intelectualidade europeia pós-revolucionária, com seus ritos e símbolos próprios, estava em um momento de crescente desenvolvimento acadêmico. Principalmente, em se tratando da Alemanha. Com *Wilhelm Meister*, Goethe se utiliza de um enredo romanesco para refletir sobre o seu tempo, país, cultura e emprega na obra parte de seus ideários estéticos-sociais.

A profunda efervescência da Revolução Francesa e o surgimento do *Sturm Und Drang* deu início à alvorada da literatura e da teoria da arte alemã. A prática artística tornou-se intimamente ligada ao longo e complexo processo de elaboração das filosofias nacionais. Os paradigmas iluministas atingiram e promoveram mudanças nas instituições europeias. Em um panorama de processos históricos radicais, dever-se-ia conceber um “novo homem” para um “novo mundo”. Naturalmente, a intelectualidade alemã reconheceu seu papel na propagação de uma nova revolução estética, porém em sintonia com princípios tradicionalistas. É nesse sentido que, em carta de 17 de agosto de 1795, Schiller externa outra crítica ao *Wilhelm Meister* em face da maneira como Goethe abordou a temática da religiosidade ao afirmar que em “algumas passagens (...) um temperamento cristão poderia reprovar um tratamento ‘leviano’ demais” (SCHILLER, In: SCHILLER & GOETHE, 1993, p. 44).

O romance de formação, do modo como foi entendido por Goethe, consistia no verdadeiro propósito da literatura germânica. É evidente que o autor não visou apenas enfatizar o teor enciclopédico da trama, mas explorar o processo de amadurecimento intelectual de um personagem por meio de uma perspectiva edificante. É nesse sentido que, em 18 de agosto de 1795, responde ao

seu confrade: “claro que apareci muito discretamente e talvez, com o fato de querer evitar toda sorte de dogmatização e ocultar de todo minhas intenções, eu tenha diminuído o efeito junto ao grande público (...)” (*Ibidem*, p. 45). O jovem Wilhelm foi idealizado pelo seu criador, portanto, para ser um mestre em todos os sentidos filosóficos e sensíveis que esse termo abarca.

Contudo, a significância didática d’*Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* tornou-se centro de uma longa discussão acerca do temperamento político de Goethe. Muitos pensadores de sua época observaram o romance goethiano como demasiadamente dócil para o período de implacáveis revoluções políticas e filosóficas deflagradas em toda Europa. Novalis, um dos precursores do Romantismo Alemão, irá denunciar que: “(...) o quietismo de Goethe teria gerado uma falta de poesia em *Wilhelm Meister*. Ele (Novalis) denomina a obra um romance prosaico e sente falta do ‘atrevimento poético’. Este último lhe parece corresponder ao entusiasmo revolucionário no mundo político” (SAFRANSKI, 2011, p. 41). Para mais, a exemplo, a crítica exercida por Humboldt aprecia o fato de que *Os anos de aprendizado* é fundamentado em uma representação do mundo, ao contrário da finalidade íntima de refinamento intelectual do protagonista apontada como paradigma da obra.

Evidentemente, Schiller e Goethe concordavam que o homem devia “educar a si mesmo”, trilhando um caminho racional e sensível. No entanto, em *Os anos de aprendizado*, tais aspectos estéticos da teoria schilleriana estão ora presentes, ora distantes. Ainda mais, Schiller observa uma possível ausência de uma fundação filosófica em alguns capítulos da obra, como expressado por esse, em uma epístola de 9 de julho de 1796:

Agora a exigência se lhe transfere (à qual o senhor, em toda parte e normalmente, causou tanta satisfação), a exigência de impor o seu pupilo com total independência, segurança, liberdade, e por assim dizer firmeza arquitetônica, de tal forma que assim ele possa manter-se eternamente, sem precisar de um apoio externo; o desejo é vê-lo então, através de uma maturidade estética, (...) (SCHILLER. In: SCHILLER & GOETHE, 1993, p. 83)

Desse modo, Schiller acreditava que Wilhelm devia encaminhar-se para sua emancipação, que poderia ser promovida principalmente pela educação estética. É explícito nos materiais epistolares discussões acerca de tais fins “educativos” de sua literatura, como também observado por Schiller em uma correspondência posterior, datada de 19 de outubro de 1796: “Se contudo não estivessem no título os ‘anos de aprendizado’, então consideraria a parte didática desse oitavo livro como quase preponderante demais. Fica evidente que muitas ideias filosóficas agora ganharam mais clareza e compreensão” (*Ibidem*, p. 90).

Pode-se afirmar que o romance de Goethe concerne a dois aspectos receptivos. Os primeiros leitores, em suma, filósofos e intelectuais próximos ao ambiente filosófico-literário weimariano como Novalis, Humboldt e o próprio Schiller – interpretaram a obra *Wilhelm Meister* como um arcabouço filosófico simples, não efetivamente moralizante e melhor dizendo: sem conteúdo revolucionário. Por certo, quais foram os motivos que levaram ao quietismo político de Goethe?

Analogamente ao protagonista do romance, Goethe pertencia a uma classe social privilegiada. Fazia parte do círculo aristocrático alemão e isso resultou na ausência do impulso revolucionário promovido pelo acontecimento francês. O historiador Hobsbawm (2010, p.391) argumenta que a intelectualidade da classe média e superior alemã – ligada ao aparelho burocrático do Ancien Régime –, apresentava uma atitude moderada em relação aos eventos iconoclastas franceses, muitas vezes pautadas pelo “(...) paternalismo, e um senso de responsabilidade entre as hierarquias superiores”.

O próprio Goethe era conselheiro do *Ancien Régime* e esse fato esclarece perfeitamente tal conduta. Em uma epístola datada de 12 de fevereiro de 1796, Goethe relata sua convivência no círculo aristocrático, bem como, utilizando-a como justificativa para o afastamento temporário das discussões tratadas na correspondência: “Ainda sofro terrivelmente com o carnaval, e com a chegada do príncipe desconhecido nossas diversões teatrais e dançantes tornam-se enlouquecidas e frequentes” (GOETHE. In: SCHILLER & GOETHE, 1993, p. 54).

Logo, não é de estranhar que toda agitação política da época desagradava a Goethe: “Para ele a revolução nada mais significou do que o começo sinistro da era das massas, que ele odiava e temia, mas cuja inevitabilidade reconhecia” (SAFRANSKI, 2010, p. 37). Além disso, como visto na correspondência escrita por Goethe ao companheiro Schiller, de 8 e 9 outubro de 1794, ele interpretava que as mudanças deveriam ser íntimas e espirituais. Que o homem deveria governar a si próprio, antes de almejar um governo pautado pelas convicções revolucionárias francesas, uma vez que o estímulo generalizado para política poderia cegamente suceder em manipulações das massas e a desordem espiritual de uma nação.

Paralelamente ao curso da correspondência que trata d’*Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, Schiller, inspirado por correntes teóricas iluministas e repleto de admiração para com a

Revolução, produziu as Cartas sobre a educação estética da humanidade. Uma significativa obra para a filosofia alemã. A obra veicula as concepções de Schiller acerca do jogo estético da razão e da sensibilidade do belo, estabelecendo a arte como elemento fundamental da educação estética e, harmoniosamente, a partir dela “(...), que o homem poderá desenvolver-se plenamente, tanto em suas capacidades intelectuais quanto sensíveis” (SUZUKI, In: SCHILLER, 2002, p. 12). Sendo assim, Schiller acreditava que a valorização das belas-artes, como as artes plásticas, a poesia e a literatura promoveriam uma aproximação do indivíduo ao conceito e representação do belo: que conduz o homem ao amor, à felicidade e à liberdade.

Em vista disso, compreende-se que a nobreza estética de Wilhelm Meister é um retrato das concepções estéticas do entendimento artístico e literário dos dois pensadores. A maestria perseguida pelo protagonista assemelha-se essencialmente ao conceito de “liberdade estética” tida ao sistema filosófico schilleriano. Porém, as concepções estéticas da forma e do conteúdo de Schiller para Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister não serão efetivamente consideradas em todos os casos. Goethe enviou o último livro à impressão antes de enviá-lo a Schiller, esse fato marca o rompimento do trabalho conjunto entre os dois companheiros epistolares acerca do romance.

Além disso, segundo Wilma Patrícia Maas:

A versão do romance que chegou até nós mostra que Goethe, de maneira geral, manteve inalteradas as questões mais criticadas por Schiller. A chamada “autonomia” filosófica e social de Wilhelm Meister permanece na sugestão do crítico, sem ter sido realizada pelo autor. (MAAS, 2000, p. 101)

Por fim, Schiller é o principal referencial crítico em torno da obra de Goethe. Desde a primeira carta, trocada em agosto de 1794, Schiller atuou nos bastidores, efetuando frutíferas observações e correções das versões originais enviadas pelo autor. Em uma das cartas, Schiller aconselha mais cautela com os desvios de estilo e os muitos erros ortográficos presentes no texto de Goethe (Cf. SCHILLER. In: SCHILLER & GOETHE, 1993, p. 43). Goethe reconhece os esforços de seu parceiro epistolar, na correspondência que data 5 de julho de 1796: “Suas cartas são agora minha única distração, e o senhor sentirá o quanto estou agradecido por ajudar-me em tantas coisas de uma vez só” (GOETHE. In: SCHILLER & GOETHE, 1993, p.75).

Contudo, o que faz a obra de Goethe um modelo ideal para o signo literário *Bildungsroman* foi sua segunda recepção e apropriação do mundo burguês ao romance. A publicação d’*Os Anos de*

*Aprendizado de Wilhelm Meister* esteve longe de atingir um sucesso literário como o do romance *Os sofrimentos do jovem Werther*, também escrito pelo autor. *Os anos de aprendizado* foi uma obra essencialmente relacionada ao classicismo alemão, sendo essa tendência estética tipicamente burguesa. Dado que o público burguês, em inegável ascensão na época, viu em *Meister* uma refinada representação artística de suas identidades.

É notório que parte significativa do mundo intelectual e artístico alemão foi útil a uma burguesia estilisticamente em construção, conforme Hobsbawm afirma:

Se fôssemos resumir as relações entre o artista e a sociedade nesta época em uma só frase, poderíamos dizer que a Revolução Francesa inspirava-o com seu exemplo, que a revolução industrial com seu horror, enquanto a sociedade burguesa, que surgiu de ambas, transformava sua própria experiência e estilos de criação. (HOBSBAWM, 2010, p. 403)

Em conformidade, o crítico literário Georg Lukács afirma que os aspectos sociais e psicológicos gerados da revolução dupla do caso francês resultou no desenvolvimento do classicismo: um movimento filosófico-literário integrado por sujeitos não engajados à causa revolucionária francesa. Contudo, esse círculo intelectual, mesmo que aristocrático e elitizado, possuía ideários próprios, buscava transformar ou, pelo menos, compreender o mundo e a interpretação literária dele. O florescimento da filosofia idealista e romântica alemã é apontado por muitos historiadores como uma reação a um atraso político e econômico da Alemanha.

Esse atraso na evolução capitalista significa que a revolução burguesa ainda não pode, como fato político, ser colocada na agenda da Alemanha. Mas o desenvolvimento capitalista atrasado era, no entanto, visível e real o suficiente para produzir uma elite burguesa relativamente ampla que fez por si própria - ideologicamente - o período preparatório da Revolução Francesa e agora tem que reagir à sua maneira, artística e filosoficamente, ao passo dos preparativos para a própria Revolução (LUKÁCS, 1968, p. 121-22).

Nota-se que a partir de 1797, os trabalhos teóricos e literários desenvolvidos por Goethe e Schiller encontraram novas exigências. A colaboração científica entre os dois deteve-se na determinação de gêneros literários que possuíam heranças ou promoveram rupturas com a cultura escrita clássica. Nesses termos, “(...) trata-se, antes de mais nada, para Goethe e Schiller, de chegar a uma separação precisa dos princípios do épico e do dramático” (LUKÁCS, 2000, p. 171). Para

Schiller, o estilo perfeito do belo estava na Antiguidade: época constituída, na sua visão, por uma natureza privilegiada e uma arte idealizadora. Fazendo aqui uma rápida e necessária digressão para a primeira carta de Schiller para Goethe, escrita em 23 de agosto de 1794, pode-se encontrar uma reflexão sobre como a sensibilidade estética de Goethe estava alicerçada em referenciais próprios da cultura clássica.

Um conceito importantíssimo para a compressão da análise schilleriana da literatura romântica de Goethe é o termo alemão *Weltanschauung*, o qual pode ser definido como uma concepção de caráter intuitivo e pré-teórico. Essa concepção é formada pelo contato inicial do indivíduo com o seu lugar social nos primeiros anos de existência. Ou seja, o referido conceito encontra-se intrinsecamente relacionado ao tempo e a nação do indivíduo. Em vista disso, percebe-se na correspondência citada, que Schiller especula acerca do lugar de nascença de Goethe e como isso influenciou a construção de sua visão de mundo:

Se fosse grego, até mesmo italiano, e já do berço fosse cercado de uma natureza privilegiada e uma arte idealizadora, então o seu caminho seria infinitamente menor, talvez até completamente supérfluo. Já na primeira observação das coisas o senhor teria assimilado a forma do essencial, e com as suas primeiras experiências se teria desenvolvido no senhor o grande estilo. Mas, já que nasceu alemão, já que o seu espírito grego foi jogado na criação nórdica, assim não lhe restou outra alternativa do que a de tornar-se artista do norte ou dar à sua imaginação, com auxílio da força do pensamento, aquilo que a privou da realidade e assim, de certa maneira, dar à luz uma Grécia, de dentro e por um caminho racional. (SCHILLER. In: SCHILLER & GOETHE, 1993, p. 24)

É fundamental explorar as concepções épicas-dramáticas dos dois formantes do classicismo weimariano, uma vez que tais sujeitos modernos entendia a antiguidade greco-latina como um tipo ideal da forma literária e, logo, base para o entendimento e aperfeiçoamento estético de suas próprias produções. Schiller expressa em uma epístola, datada de 4 de abril de 1797, a sua definição do objeto trágico:

Quanto mais reflito sobre a minha própria atividade e sobre a forma com que os gregos tratavam a tragédia, mais acho que o ponto central reside na arte de inventar um argumento poético. O autor moderno lida penosa e medrosamente com casualidades e detalhes e, como ambiciona aproximar-se bem da realidade, mune-se então de vazios e insignificâncias, correndo o perigo de perder a verdade intrínseca, onde de fato reside o elemento poético. Ele gostaria de imitar perfeitamente um caso verídico e não pensa que uma representação poética jamais pode coincidir com a realidade, justamente porque é absolutamente verdadeira. (*Ibidem*, p. 101)

Goethe respondeu um dia depois, em uma curta correspondência, acerca da felicidade e importância do argumento poético: “(...) ao poeta resta, sim, o grande mérito de uma apresentação com vida, que pode ser mais contínua quanto melhor for o argumento” (GOETHE. In: SCHILLER & GOETHE, 1993, p. 102). Por isso, observa-se tanto em Schiller, quanto em Goethe – o segundo apenas nos anos próximos à correspondência, uma atitude contínua de inclinação poética, proporcional ao distanciamento - não total – do caráter puramente analítico presente nos anos de juventude intelectual dos dois.

Schiller atenta ao próprio Goethe que essa nova “juventude” poética o trará uma boa disposição não apenas literária. Goethe respondeu, cautelosamente, em uma correspondência datada de 18 de janeiro de 1797, que tal nova fase não é determinante, o seu estilo analítico ainda estará possivelmente em voga:

[...] e não nego que para mim mesmo essa maravilhosa fase que início é muito singular, e infelizmente ainda não estou de todo tranquilo a esse respeito, pois ainda carrego da fase analítica muito do que não posso desfazer-me e nem mesmo elaborar (*Ibidem*, p. 99).

Na medida em que Schiller defende a sobreposição da poesia contra o racionalismo, e Goethe reage notadamente ao axioma inflexível da Razão – mesmo que não a suprimindo plenamente - tais epístolas referenciadas apontam uma oposição substancial do pensamento goethe-schilleriano com os fundamentos da filosofia das Luzes. Posto que a corrente filosófica iluminista, bastante difundida no século XVIII, ocupou as argumentações teóricas e estéticas acerca da natureza e da sensibilidade, fundamentadas por uma inesgotável aplicação do empirismo racionalista.

Schiller e Goethe reconhecem a importância do liberalismo filosófico, pautado na tríade conceitual da liberdade, igualdade e fraternidade, entretanto admitem que o cientificismo absoluto acabaria por perpetuar equívocos civilizatórios ao privar o Homem de inclinações estéticas e poéticas. Por sua vez, a mentalidade intelectual europeia encontrava-se em um labirinto especulativo acerca da condição filosófica e, conseqüentemente, sua função nas preposições existenciais da poesia e da Arte.

Conforme Isaiah Berlin aponta:

[...] dizia que o homem deve apresentar um espelho para a natureza”. [...] por ‘natureza’ eles queriam dizer ‘vida’, e por “vida” não queriam dizer aquilo que se vê, mas aquele objetivo que, segundo eles, a vida luta para alcançar, certas formas ideais para as quais toda a vida se inclina. (BERLIN, 2015, p. 55)

Observa-se, durante todo o percurso epistolar, uma disposição científica e literária para a apreciação artística da sociedade contemporânea aos dois correspondentes. Goethe empreende inúmeras viagens ao continente europeu, uma das quais à cidade de Frankfurt am Main, um dos maiores centros burocráticos do Sacro Império Romano-Germânico. Em uma carta datada de 9 de agosto de 1797, Goethe relata para Schiller a percepção de uma suposta indisposição poética que assola espaços tipicamente urbanos e industriais. Para o autor, o consumismo exacerbado de uma cultura artisticamente infértil redundava na mais pura abstração:

Pareceu-me muito esquisito como na verdade se lida com o público de uma cidade grande. Ele vive numa constante vertigem de aquisições e consumos, e aquilo que chamamos boa disposição não se deixa nem produzir nem anunciar; todas as diversões, mesmo o teatro, devem apenas distrair, e a grande tendência do público leitor para periódico e romances provém justamente disso, porque os primeiros sempre e os últimos na maioria das vezes trazem à distração a distração. (GOETHE. In: GOETHE & SCHILLER, 1993, p. 123)

É partindo dessa observação que os dois intelectuais alemães discutiram a natureza da poesia, encontrando-se em conformidade enquanto seu teor. O atrevimento poético – ou a liberdade estética – são resultados de um despertar, despertar esse desconfortável e dolente. Como dito posteriormente por Goethe na epístola supracitada: “A poesia quer - sim, ela exige – concentração, isola o Homem contra a sua vontade, impõe-se repetidamente e é, no mundo amplo (para não dizer, no grande), tão incômoda quanto uma amante fiel” (*Ibidem*). Em concordância, Schiller responde em uma carta, datada 17 de agosto de 1797:

Ficou-me claro nas poucas experiências que tive que, no geral, não se pode fazer bem às pessoas através da poesia; pelo contrário, até muito mal, e creio que, onde um não pode ser alcançado, deve-se introduzir outro. É preciso incomodá-las, entregar o seu bem-estar, levá-las à inquietação e espanto. Em um dos dois, como gênio ou como fantasma, a poesia deve afrontá-las. (SCHILLER. In: GOETHE & SCHILLER, 1993, p. 127)

Desse modo, entende-se que a Literatura é, para os dois companheiros correspondentes, um instrumento do conhecimento filosófico e de inclinação poética. A maestria intelectual é tida como fenômeno plural, mas definida como aspiração sublime de um temperamento filosófico entrelaçado com as belas-artes. No entanto, o processo de refinamento intelectual não

necessariamente era confortável, uma vez que o sentimentalismo tinha de equilibrar harmoniosamente seus idealismos com a racionalidade empírica.

## Conclusão

Jean-François Sirinelli sugere que o estudo das produções intelectuais é um dos campos de pesquisa histórica mais férteis da atualidade. Salienta ainda que é necessário propor, antes de tudo, uma definição teórica de homem de cultura partindo das noções de produtores, mediadores e da análise das formas de sociabilidades desses atores históricos. Conforme o autor,

A atração e a amizade e, ao contrário, a hostilidade e a rivalidade, a ruptura, a briga e o rancor desempenham igualmente um papel às vezes decisivo. Isto, alguns poderão objetar, se aplica a toda microssociedade. Mas, de um lado, esse peso da afetividade colocado sob o signo da clarividência e cuja garantia, aos olhos do resto da sociedade, é saber regular suas paixões, a serviço exclusivo da Razão. (SIRINELLI, 1998, p. 250)

Ao tratar de diretrizes básicas para o estudo das elites intelectuais, Sirinelli postula que esses seguimentos sociais atuam, basicamente, com a ressonância ou amplificação de determinadas ideias, bem como podem se envolver em debates cívicos marcantes para uma determinada época. Elaborar análises comparativas, transitar entre dados qualitativos e quantitativos, bem como investigar as formas de sociabilidades desses intelectuais é um desafio historiográfico ainda considerado bastante promissor.

Goethe e Schiller pertenceram a uma geração de intelectuais que contribuíram para a consolidação do romantismo enquanto uma corrente estética em bastante sintonia com os interesses políticos expansionistas próprios da Alemanha do século XIX. As observações teóricas e práticas presentes na correspondência trocada entre esses dois escritores ainda podem possibilitar reflexões históricas pertinentes sobre as tendências poéticas modernas e suas afinidades com a Antiguidade Clássica. Além disso, os densos debates acerca das sensibilidades modernas e a crítica cultural, ao aspecto padronizado e cinza da Europa da primeira Revolução Industrial, favorecem uma compreensão mais ampla dos ideais desses dois perfis representantes do pensamento literário romântico.

**Referências bibliográficas:**

- BERLIN, Isaiah. **As raízes do romantismo**. Trad. Isa Mara Lando. São Paulo: Três Estrelas, 2015.
- GOETHE, Johann Wolfgang Von; SCHILLER, Friedrich. **Correspondência**. Trad. Cláudia Cavalcanti. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.
- HOBBSAWM, Eric. J. **A Era das Revoluções**. 25.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- KOHLRAUSH, Regina. Gênero epistolar: a carta na literatura, a literatura na carta, rede de sociabilidade, escrita de si. In: **Letrônica**, vol. 08, n. 01, Porto Alegre, jan/jun, 2015.
- LUKÁCS, G. **Goethe y su época**. Barcelona, España: Ediciones Grijalbo, 1968.
- \_\_\_\_\_. **Teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. São Paulo: Editora 34, 2000.
- MAAS, W. P. M. D. **O cânone mínimo: o *Bildungroman* na história da literatura**. 1. ed. São Paulo: EDUNESP, 2000.
- MALATIAN, Teresa. M. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. (Org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2013.
- SAFRANSKY, Rüdiger. **Romantik: Eine deutsche Affäre**. München: Carl Hanser Verlag, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Romantismo: uma questão alemão**. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.
- SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem: numa série de cartas**. Trad. Roberto Schwarcz & Márcio Suzuki. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.
- SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: \_\_\_\_\_.; RIOUX, Jean-Pierre (Orgs.). **Para uma história cultural**. Trad. Ana Moura. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.